

“A MORTA” DE REMBRANDT (E A MORTE, O ESPAÇO E A ETERNIDADE)

Ana Marques Gastão*

APENAS VIVA

O nariz curvo é de águia – e a morte não a levou,
pois se morte não há na passagem, apenas o que
pelas veias o tempo rouba em nós permanece.
Não convém o sudário aos mortos nem à mulher
que da nuca se inclina, ilesa, e se dá, como quem
se deita na cama sem fim sem nada. Não está
morta. Vive apenas. Dorme sobre a mentira que
somos, clones de um poema infiltrado no sangue.
As pálpebras são lagos de *water music, water music*,
e o céu não morre, só os astros caem no caminho.
Diz de dentro: *canta, faz da voz um cometa*, esquece
o fim de que só Rembrandt cuidou. Vive de desejo,
sobe ao éter, poussa o olhar na noite, vai e dança
como quem se liberta de um pecado, que não existe
senão no temor, na palavra castigo na palavra jugo.

Lisboa, 30/03/2019

* Poeta, ensaísta e investigadora. Coordena a revista *Colóquio-Letras*. Membro do CLEPUL (Universidade de Lisboa). Consultora/Assessora da *Ana Hatherly Chair in Portuguese Studies*. Algumas edições: *As Palavras Fracturadas* (2013), *L de Lisboa* (2015), e *O Olho e a Mão* com Sérgio Nazar David (2018).